



Mediação de leitura e PIBID: Clube de Leitura e formação de leitores

Reading Mediation and PIBID: Reading club and reader's formation

Demétrio Alves Paz¹

Pablo Lemos Berned²

Resumo: A formação de um clube de leitura foi uma iniciativa do PIBID Letras da UFFS – Cerro Largo – RS com o intuito de debater obras literárias, realizando encontros mensais, com os graduandos do curso de Letras e de outros cursos da UFFS, propiciando um espaço de discussão intelectual para a formação cultural do discente. As obras selecionadas para serem debatidas foram as seguintes: *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri; *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de J. W. Von Goethe; *Medeia*, de Eurípides; *Macbeth*, de William Shakespeare e *O Médico e o Monstro*, de R. L. Stevenson. O papel dos mediadores foi o de tentar restituir a leitura prazerosa e significativa e o que se percebeu foi a mudança gradual não só na participação como também no envolvimento com as obras e o clube de leitura.

Palavras-chave: Clube de leitura. Mediação de leitura. PIBID. Formação de Leitores.

Abstract: The formation of a Reading club was a initiative of Literature PIBID of UFFS – Cerro Largo – RS aimed to debate literary works, in monthly meetings, with under graduation students of Literature and other courses of UFFS, providing a space of intellectual discussion to the cultural formation of the students. The selected works debated were the following: *The Divine Comedy*, by Dante Alighieri; *The Sorrows of Young Werther*, by J.W. Von Goethe; *Medea*, by Euripides; *Macbeth*, by William Shakespeare and *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, by R. L. Stevenson. The role of mediators were to bring back the meaningful and joyful of reading, and what was perceived was a gradual change not only in participation but also in the engagement towards the books and the reading club.

KeyWords: Reading Club. Reading Mediation. PIBID. Reader's formation.

A proposta

A formação de um clube de leitura foi uma iniciativa do PIBID Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo – RS com o intuito de debater obras literárias. Ao realizarmos encontros mensais com os graduandos do curso de Letras (e de outros cursos da UFFS), pretendemos propiciar um espaço de discussão intelectual para a formação cultural dos discentes.

¹ Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo – RS. Doutor em Letras (PUCRS) e Pós-Doutor em Letras (UFRGS).

² Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo – RS. Doutor em Letras (UFF).

A proposta surgiu de uma constatação de que certas obras, tidas como clássicas, não faziam parte do repertório de leitura dos alunos do curso de Letras da UFFS. A formação em Literatura, através da grade curricular e das ementas dos componentes curriculares obrigatórios do curso, ao menos até o ano do Clube de Leitura, organiza-se predominantemente pela distinção entre línguas (Língua Portuguesa e Língua Espanhola), pela distinção territorial (marcada desde o título, no caso de Literatura Brasileira I a III/Literaturas de Língua Portuguesa/Literaturas catarinense, paranaense e sul-riograndense, ou expressa nas ementas das Literaturas Hispânica de I a IV, de modo que as duas primeiras dedicam-se à Literatura Espanhola e as duas últimas à Literatura Hispano-americana) e pela cronologia da historiografia literária. São exceções as disciplinas de Introdução aos estudos literários (4 créditos), Teoria e Crítica Literária (3 créditos) e Literatura infantil e juvenil (4 créditos), ao permitirem, por cada ementa, o contato do estudante de licenciatura em Letras com expressões consagradas da tradição literária ou da produção contemporânea também de outras línguas, ainda que traduzidas.

A formação de professores, que serão responsáveis pela formação de leitores na Educação Básica, apesar de todos os esforços, parece insuficiente. Um bom professor de Literatura precisa, fundamentalmente, de acordo com Marisa Lajolo (1982, p.53), ser um bom leitor, isto é, ter um arcabouço de leituras e o hábito de ler constantemente literatura clássica e contemporânea, de diversos gêneros. A partir disso, ao invés de criticarmos ou procurarmos os culpados por essa lacuna, resolvemos agir propositivamente com a criação do clube de leitura para suprir essa omissão na formação acadêmica. O clube teve a duração de um semestre, o segundo de 2014.

Para a construção da proposta e criação do clube, partimos de ideias de autores como Rildo Cosson (2014) e Michèle Petit (2009) em suas proposições a respeito do debate de obras literárias em conjunto e dos benefícios desta prática, assim como de observações de escritores como Ana Maria Machado (2002), Heloísa Seixas (2011) e Orhan Pamuk (2011) sobre a sua experiência como leitores de ficção. Da mesma forma, pensamos em nossa formação como leitores: Quais foram as obras que fizeram parte dela? O que mais apreciamos nos textos literários? O que eles são capazes de nos dizer?

A ideia

Partimos da ideia de que quem lê uma obra literária sente-se próximo a outras pessoas. Há um sentimento de pertencimento no ato de ler que engloba toda comunidade de leitores (COSSON, 2014). Eles gostam de dividir experiências, comentar obras, personagens, autores e recomendar títulos. Um, dentre os vários benefícios reais da

leitura, é ajudar a ampliar a visão de mundo e apresentar outros ao leitor (HUSTON, 2010). Ao fazer dela um hábito e vê-la como lazer, qualquer um entra em um novo universo, repleto de vários outros mundos, que se abrem ao infinito a cada nova leitura e descoberta do leitor.

A escritora canadense Nancy Huston (2010) concebe o ser humano como a espécie fabuladora, pois somos compostos por ficções. Para a autora, somos concebidos por meio de narrações: nosso nome, nossa família, nosso país, nossa língua, nossa cultura, nossa crença, tudo foi criado por histórias. O que nos diferencia dos outros animais não é só a nossa capacidade de pensar e lembrar, mas também a de criar fábulas para tentar compreender o que significa, de fato, ser humano. Esse é um dos privilégios da literatura: ajudar a criar um mundo paralelo ao nosso e tão interessante e significativo quanto o chamado real.

É necessário dar à leitura uma importância vital, pois é por meio dela que o ser humano aprende mais sobre si e o mundo ao seu redor. Ela ajuda-o a suportar a dor, a melhorar o seu interior, a curar feridas internas, a esperar por um tempo melhor, a compartilhar experiências e a viver melhor (PETIT, 2009). Os textos literários apresentam uma riqueza em sua grandeza de nos mostrar o que sonhamos, o que não sonhamos e o que nem sabíamos que poderia ser sonhado. Os textos literários podem nos apresentar a realidade que queremos ver, a que não queremos e a que nem sabíamos que existia. A riqueza dos textos reside em sua enorme capacidade de nos encantar por meio da linguagem, seja ela elaborada formalmente, informalmente, mas sempre criativamente. A habilidade de nos transmitir conhecimento, de nos contar algo, de nos fazer esquecer um pouco do mundo que nos cerca e de entrarmos em um mundo novo, desconhecido, porém significativo. Nisso reside o caráter da leitura literária: transformação.

Propomo-nos a apresentar um mundo de palavras em nossa prática docente. E onde se encontra este mundo? Nas obras literárias, que têm sido lidas e relidas ao longo de nossa história. Numa época de relativização e contestação de tudo, a literatura (inclusive a disciplina no currículo escolar) é vista como algo elitista, pois havia uma ligação entre cultura e classe dominante. Contudo, ela não foi, nem é, e muito menos será elitizada se for lida como uma maneira de compreender o mundo. A literatura pode ser extremamente subversiva, como ela própria já registrou. Na *Divina Comédia*, Paolo e Francesca (dois cunhados) beijam-se e assumem a sua paixão após lerem *Lancelote* juntos. Alejandro Quijano transforma-se em *Dom Quixote* após ler livros de cavalaria e resolveu repetir os feitos lidos. Em *Madame Bovary*, Emma trai Charles (seu marido) por ler a literatura romântica de sua época e estar imbuída de seus ideais.

Vivemos no país que foi o antepenúltimo a ter imprensa (SEIXAS, 2011). Por mais de 300 anos, desde o nosso descobrimento até a vinda da Família Real, fomos privados de imprimir livros aqui. Logo, privados de produzir conhecimento. Eles eram impressos em Portugal, com um rígido controle de distribuição. Obviamente, houve imprensas ilegais, mas pouco contribuíram para a formação de leitores. Isso se reflete, por exemplo, na taxa de analfabetos no Brasil, que eram, “em 1890, cerca de 84%; em 1920 passaram a 75%; em 1940 eram 57% (CÂNDIDO, 2000, p.125). Tais índices regrediram muito, chegando a 13,63% em 2000 e a 9,6% em 2010, de acordo com o IBGE. São avanços a serem comemorados, mas que revelam o quanto são recentes os resultados dos processos de alfabetização em massa no país.

Atualmente, devido à privação que passamos anteriormente, mais do que leitores (pessoas com a habilidade de ler), precisamos de leitores de textos literários, pois

[...] a literatura nos permite ser mais do que meros espectadores. Lendo, somos cúmplices, coautores, temos a chance de criar, em nossa mente, aquilo que o autor tenta nos transmitir com palavras. Ler é, portanto, um exercício de liberdade quase tão amplo quanto pensar. (SEIXAS, 2011, p. 7)

Assim, o clube de leitura é o espaço ideal para pensar, debater e dividir experiências em conjunto, pois revela, dessa forma, a dimensão social da literatura. Contar e ouvir histórias, transmitir mitos e lendas de uma comunidade para as novas gerações, emocionar-se com a canção de amor ou de heroísmo sobre uma personagem significativa compõem parte fundamental da nossa história em sociedade. A leitura, por meio do suporte em livro, contribui para o acesso a histórias produzidas na distância de espaço e de tempo, favorecendo a proximidade entre as instâncias do autor e a do leitor: enquanto um pode presumir os efeitos de sentidos que seu texto irá provocar em algum leitor idealizado, o outro inevitavelmente atribuirá sentidos a texto a partir de sua experiência de vida e/ou de outras leituras. Entretanto, se uma comunidade de leitores, formada por pessoas que leram textos em comum, reúnem-se com o propósito de confrontar a sua leitura com a do outro, visando ao aprofundamento dos sentidos empregados, o exercício de liberdade, ao qual Heloisa Seixas se refere acima, desliza de uma concepção individualista para uma que valorize tanto a síntese dos pontos de vista quanto o respeito e a tolerância ao pensamento divergente.

A formação do clube

Como um clube de leitura precisa de obras, o primeiro passo foi a seleção delas, que foi feita pelos alunos, a partir de uma indicação de títulos dos dois coordenadores do subprojeto, tendo como critério obras que não fossem contempladas na formação deles (autores que não fossem de língua portuguesa ou espanhola). Depois, decidimos as datas e a duração dos encontros. A data acordada foi a última quarta-feira de cada mês, no segundo semestre de 2014. Cada encontro tinha a duração de duas horas, sendo ofertado no vespertino, às 17h, para que alunos de outros cursos, além do PIBID Letras, tivessem a oportunidade de participar. As obras selecionadas para serem debatidas no segundo semestre de 2014 foram as seguintes: *A Divina Comédia*, de Dante Alighiere; *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de J. W. Von Goethe; *Medeia*, de Eurípidés; *Macbeth*, de William Shakespeare e *O Médico e o Monstro*, de R. L. Stevenson.

No que diz respeito à organização do espaço, escolhemos uma sala grande, na qual as cadeiras foram colocadas em círculo para que todos os participantes vissem uns aos outros, assim como todos pudessem ser ouvidos. O que pode parecer uma obviedade, mas nem sempre há essa organização em alguns grupos. A disposição ajuda também, pois há uma certa união no círculo que facilita a comunicação efetiva entre os membros do clube. A leitura das obras visou estimular a troca de saberes e interpretações entre os leitores. Há diferentes sentidos no texto, mas eles devem ser extraídos dele. Acreditamos que o estímulo à oralidade é também um grande fator de aprendizado para os alunos, por fazê-los verbalizar, frente aos outros, suas opiniões.

Em cada encontro, nesse semestre, o professor coordenador foi o mediador da discussão. Ele foi o responsável por apresentar brevemente o autor e a obra, no máximo em 10 minutos, para contextualizar a época de escritura do texto, ressaltar a importância da obra para o momento em que foi produzida e para a posteridade, assim como, se necessário, elucidar trechos difíceis ou obscuros, que fossem apontados pelos participantes no momento da discussão. Cosson (2014, p. 154) explicita muito bem a relação de que “participar de um círculo de leitura é compartilhar com um grupo de pessoas as interpretações dos textos com as quais construímos nossas identidades e da sociedade em que vivemos.” Dessa forma, a partilha de experiências de leitura é benéfica para o debate em grupo, pois ideias são confrontadas para o estabelecimento de relações não só entre os textos, mas também entre experiências pessoais de leitura.

Como outras representações artísticas (artes plásticas, música, dança, teatro, cinema), a literatura é um receptáculo do mundo circundante: os temas e os assuntos mais relevantes de cada época têm sido apresentados e representados por ela. Nos

encontros, priorizamos o que os participantes têm a dizer, deixando claro que não há “uma” leitura, mas leituras de obras literárias, desde que o que for dito possa ser encontrado no texto ou comparado às experiências prévias de leitura. O *texto* é aqui compreendido pela perspectiva de Roland Barthes (2005, p. 65-75) em oposição à “obra”; isto é, o texto como um campo metodológico propício à leitura e a pesquisa, sem a legitimação pelo juízo de valor ou a hierarquização normatizada pela herança da crítica e da tradição referendadas pelo senso comum. Por consequência, é conquistada a liberdade de compartilhamento das interpretações entre os participantes, pois, mesmo que surjam leituras equivocadas, o diálogo entre os participantes tende a confrontar as percepções da leitura com a materialidade do texto.

Dessa forma, encorajamos a participação de todos, assim como estabelecemos relações entre a obra em discussão e outras leituras já realizadas por cada leitor, explicitando que um texto sempre se refere a outro texto (CALVINO, 1994). Partir do que os alunos conhecem ou têm do que falar para apresentar algo novo foi essencial para a eficácia da proposta. Temos também consciência de que devemos “munir o leitor da informação necessária para que as obras voltem a lhe falar” (JOUVE, 2012, p. 146), uma vez que o conhecimento sobre as condições de produção, publicação e circulação do livro sejam fundamentais para contextualizá-lo e, conseqüentemente, para relacioná-lo conosco e com a nossa realidade.

O objetivo dos encontros não é a interpretação do texto (pois o propósito do clube é outro), mas “aproximar o texto lido da experiência dos leitores do círculo, incentivando-os a explorar suas memórias e algum outro texto ou material que dele se aproxime” (VERSANI; YUNES; CARVALHO, 2012, p. 98). A leitura constitui-se, entre outras possibilidades, enquanto um processo afetivo (JOUVE, 2002), que nos motiva a extrair dela a identificação, o conhecimento e/ou o prazer. Realizada coletivamente, essa afetividade expande-se, da experiência individual para a valorização do encontro e do diálogo, que compreendem tanto a oportunidade de fala e de argumentação, quanto a habilidade de ouvir o outro, tentar pôr-se em seu lugar, deixar-se convencer ou mesmo confrontá-lo com seus próprios argumentos. Como Bajour (2012, p. 26) salienta: “Os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções.”

Como o espaço de discussão é a academia, a interpretação de certas passagens pelos participantes foi inerente, visto a formação que eles estão recebendo. Contudo, cabe ressaltar, que o âmago das reuniões é o compartilhamento de expressões de

leituras e a busca pelo prazer de ler, não a interpretação acadêmica, oficial ou profissional.

A mediação

A importância do ato de ler, para Paulo Freire (1989), revela-se pelas implicadas percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do texto lido, pois a leitura é uma forma de transformação da realidade através de nossa prática consciente. Ler, portanto, põe o leitor em condições de compreender melhor a si mesmo, suas angústias e desejos, como também o mundo em que vive, sua história, sua perspectiva e suas contradições. Consciente das possibilidades que a leitura lhe apresenta, o leitor pode, então, assumir o protagonismo em escrever a sua própria história e reescrever a sua realidade, isso é, transformá-la.

Para além do estímulo à leitura, a literatura precisa ser vivida. Antônio Cândido (2011) defende o acesso à literatura como um direito inalienável da sociedade, contudo, é fundamental que o sistema educacional atue para que esse direito seja exercido. Infelizmente, a leitura de textos literários cada vez mais precisa reafirmar-se, inclusive no espaço escolar, uma vez que não apresenta de forma objetiva ou sistemática saberes pragmáticos para o mundo tecnicista do trabalho. Pelo contrário, inclusive: "a literatura desconcerta, incomoda, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia", afirma Antoine Compagnon (2012, p. 64). Ao invés de oferecer uma interpretação acabada do mundo, a Literatura oferece essa experiência de sensibilização e de alteridade, para que o próprio leitor, ao atribuir sentidos ao texto descoberto, faça a sua própria interpretação.

Ao mediador cabe a apresentação de textos literários e a orientação das leituras, visto que a literatura precisa ser ensinada. É necessária a familiarização com o objeto livro e com as convenções de leitura, bem como o estímulo para que haja um desejo de apropriação das obras. Graça Paulino e Rildo Cosson (2009) concebem o *letramento literário* como um processo permanente de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos, em que cabe ao professor, no processo de formação do aluno, a formação de seu gosto, entendida como aprendizagem da cultura literária. Afinal, sem a mediação de leitura, e ignorando-se o gosto pessoal como produto de discursos do meio em que se está, o clássico facilmente pode ser tachado de chato e ignorado em detrimento da literatura de fácil consumo.

Assim, no início das discussões, o mediador iniciava com perguntas abertas para que todos pudessem respondê-las, servindo para "quebrar o gelo" entre os participantes.

Questões simples como: Gostou do livro, por quê? O que mais gostou? O que não gostou? Quais foram as impressões iniciais? Elas se concretizaram? Recomendaria o livro a alguém? Qual foi a personagem que mais chamou sua atenção? Essas perguntas servem para que todos tenham o que dizer inicialmente, com o intuito de fomentar o debate mais aprofundado a partir daí. Igualmente, a função do mediador era a de partilhar as dúvidas: O que foi difícil?, pois demonstrar aos outros que também se tem dificuldade auxilia a perceber que todos temos limitações. Outra atividade realizada foi a leitura de excertos das obras: Qual é o trecho mais marcante? O mais bonito? O mais dramático, trágico, cômico? A fala mais bonita do personagem? O melhor diálogo?

Essa partilha de sentidos que o texto proporciona foi um dos momentos mais marcante dos debates. Afinal, “não existe nada de inefável em uma obra literária, apenas conteúdos à espera de identificação”, de acordo com Vincent Jouve (2012, p. 137). Outro momento marcante, vale a pena enfatizar, foi a leitura compartilhada, ao permitir, de fato, ouvir outra voz lendo aquela passagem ou trecho de que tanto gostamos. Cecília Bajour (2012, p. 68) nos indica que:

Um dos procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta e de que o professor que coordena a conversa não seja o depositário de nenhuma verdade nem saber absoluto sobre os textos escolhidos. Quando o professor recorre ao próprio texto para que seja ele a responder às novas perguntas ou, mesmo que as deixe em aberto, estará indicando aos leitores o caminho para que consolidem sua argumentação a partir da materialidade do que as palavras e as ilustrações dizem ou calam.

Compartilhamos a crença de que “a melhor maneira de estudar o romance é ler os grandes romances e desejar escrever algo parecido.” (PAMUK, 2011, p. 129). Dessa forma, quisemos apresentar aos alunos um jeito de partilhar o conhecimento produzido pela literatura. O que Pamuk disse sobre o romance (afinal ele é um romancista) foi estendido para obras literárias escritas em verso, tal como a *Divina Comédia*, ou dramáticas como as de Shakespeare e de Eurípides.

Algumas Considerações

Lena Lois (2010, p. 19) aconselha “Ler para ampliar sua bagagem, expressar sua subjetividade e ir adiante em sua contribuição social. [...] Ler o mundo é o primeiro passo para se querer saber do mundo.” cremos que expusemos aos participantes uma gama de textos que lhes possibilitou a ampliação não só da bagagem cultural, mas também de sua visão de mundo, percebendo que ele é mais amplo do que pensavam.

Procuramos resgatar o prazer da leitura, livrando-a da tecnicidade e academicismo. Assim sendo, qualquer um que tenha o gosto e saiba sentir pode ler. Nós, os mediadores, temos de restituir a leitura prazerosa e significativa. A boa literatura não foi escrita para “eleitos”, para “ungidos”, mas para aqueles que buscam algo além do trivial. O que percebemos foi a mudança gradual não só na participação como também no envolvimento com a leitura e o clube. Por fim, como Michèle Petit (2009, p. 283-284) muito bem ressalta:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros.

Algumas janelas já se abriram e esperamos que, brevemente, outras mais se abrirão com o clube de leituras.

Para nós também foi benéfico a criação do clube de leitura, pois foi um modo de recuperar algumas leituras importantes na nossa formação como leitores. Como não somos escritores, falamos das melhores histórias que lemos e as compartilhamos com outros aqui no clube. Ao darmos autonomia aos leitores, percebemos que eles viam o que nós (e outros antes de nós) já vimos, mas também nos surpreendemos com diferentes visões e interpretações dadas por estes leitores mais jovens. Pretendemos reativar o Clube de leituras em 2016, com novas leituras e ampliando os canais de comunicação com os leitores.

Bibliografia

- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do gato, 2012.
- BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: **O rumor da língua**. 2 ed. Martins Fontes, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In.: **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.
- LAJOLO, Marisa. Texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PAMUK, Orhan. **O romancista ingênuo e o sentimental**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In.: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SEIXAS, Heloisa. **O prazer de ler**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- VERSANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leituras**. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra UNESCO de Leitura PUC-RIO, 2012.